



A Ilha

Património da Humanidade

HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E TURISMO

Boletim Nº 2 - Março 2009

Editorial

Como em muitos outros casos semelhantes, também a Ilha de Moçambique não escapa ao espírito das lendas e das histórias quando a ficção e o sonho se tentam sobrepôr à realidade do quotidiano. Provavelmente este cultivar da imaginação ganha raízes devido à natureza geográfica do meio e às gentes que vão e vêm. Ali parece existir uma predisposição para acreditar no fantástico, no inverosímil. As ilhas do Oceano Índico partilham aspectos de um passado comum e, por isso, na sua cultura sobressaem sinais semelhantes, como se constata nas danças e cantares. Mas a Ilha de Moçambique tem características particulares pois, durante mais tempo que qualquer outra, serviu de base operacional para um projecto de expansão marítima, como se pode constatar pelas construções que ainda existem, sendo a mais importante a Fortaleza de São Sebastião que está actualmente a ser recuperada.

É relacionada com esta edificação que Mia Couto recorda, num artigo publicado há algum tempo na revista *Atlantis*, A Lenda da Fortaleza que transcrevemos: *A visita à fortaleza é quase obrigatória. Quando lá estive, as visitas estavam canceladas. Abriram excepção. Mas fiquei com a ideia de que abriam excepção para todos. Um pescador que nos acompanhava contou-nos uma lenda sobre a criação da fortaleza. A história é bonita e encerra um mistério. Eis uma versão resumida do que me foi contado: numa mesma noite dois visitantes chegaram à ilha. Um chamava-se Mussa M'Bique. Outro era um diabo chamado Mwanande. Onde quer que chegasse, esse demónio construía uma grande obra para assinalar a sua presença. E fez uma fortaleza. Construiu-a numa só noite, sem a ajuda de nenhum pedreiro. Quando chegaram os portugueses viram a fortaleza de pedra nua. Quiseram caía-la mas não conseguiram. Caiavam-na de dia mas a cal soltava-se durante a noite. E a fortaleza acabou por ficar assim. Dentro da fortaleza havia uma mala que o diabo lá deixara. A mala estava fechada à chave e era tão pesada que nem a força de 100 homens a conseguia erguer. Com o andar dos tempos, a ilha foi sendo habitada por gente do mundo inteiro. É por isso que nasceu na ilha gente muito diferente. E é por isso também que as gentes da ilha têm família em todo o mundo.*

No final da história, perguntei: "E onde está a mala a que a lenda refere?" Ninguém sabe. Mas deve estar por aí, escondida num canto. Uma mala daquele tamanho não se pode perder.

É provável que essa mala, guardando mágicos tesouros, seja encontrada num futuro breve, quando a fortaleza se transformar num centro activo para o turismo e para a dinamização cultural, como está perspectivado nos planos para essa edificação histórica.

Reabilitação da Fortaleza de São Sebastião

Terminou a primeira fase da recuperação da Fortaleza de São Sebastião, facto que foi presenciado pelo Ministro da Educação e Cultura, Aires Ali. A fase inicial consistiu em travar a degradação acelerada da edificação militar construída em meados do século XVI. Foram também limpas as cisternas, uma delas com as dimensões de uma piscina olímpica. A fortaleza dispõe de um engenhoso sistema de recolha de água das chuvas que permitiu, no passado, a sobrevivência dos seus ocupantes.



Fortaleza de São Sebastião

A segunda fase da recuperação vai consistir em obras de consolidação daquilo que já foi feito, estando prevista a reparação das muralhas na parte exterior. O objectivo é transformar o seu espaço, num horizonte de dez anos, num lugar mais atractivo para os visitantes, albergando um museu, um centro de conferências, uma pousada, um centro de exposições e de investigação científica. Os governos da Holanda, Noruega, Suíça e o Principado da Flandres mostraram já interesse em participar no financiamento da segunda fase dos trabalhos de recuperação da fortaleza.

Com a colaboração do Wamphula Fax.

Exposição de Arqueologia

No próximo dia 25 de Junho, será inaugurada uma exposição de Arqueologia no Museu de Marinha, na Ilha de Moçambique, com peças recolhidas, no fundo do mar, pela parceria Arqueonautas e Património Internacional (Moçambique). Espera-se que nessa data seja também oficialmente inaugurado o Museu de Marinha, sendo ainda necessário concluir os trabalhos já agendados para arranjo das instalações. Estas decisões foram tomadas no decorrer de um encontro entre o director nacional de Cultura, Domingos do Rosário, e o presidente do conselho de administração da Património Internacional S.A., Jacinto Veloso. Espera-se que alguns objectos em prata e ouro, recuperados há algum tempo e até agora depositados no Banco de Moçambique, venham a figurar na exposição. Para esse efeito terão de ser criadas condições de segurança.

Ourivesaria: uma valiosa tradição



Um trabalho de artesanato que requer muito talento.

São famosos os trabalhos de ourivesaria feitos por artesãos da Ilha de Moçambique. Algumas das peças, na generalidade feitas em prata, encontram-se em museus de várias partes do mundo. Outras fazem parte de colecções particulares. Algumas das peças de ourivesaria que ainda hoje existem em Goa foram feitas na Ilha de Moçambique.

É um trabalho de artesanato que requer talento, experiência e segredos próprios de uma profissão que, para se manter viva e conservar o seu valor, tem de passar de geração em geração.

Muitos ficam surpreendidos com a beleza e perfeição dos objectos de adorno feitos por ourives nas mais precárias condições, como brincos, pulseiras, colares e outros. Não

admira que se lamentem das crescentes dificuldades que enfrentam.

Não seria de considerar, no âmbito das actividades do GACIM (Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique), um programa de apoio a esses artesãos ourives? A sua actividade deveria ser acarinhada, pois além de renovar uma tradição valiosa facultaria, por certo, a obtenção de melhores rendimentos para essa comunidade.

Poderiam ser regularmente organizadas feiras ou exposições de objectos de arte, quer na ilha quer noutras cidades, ou mesmo no estrangeiro, contribuindo assim para a difusão da arte e cultura moçambicanas.



Os ourives trabalham nas mais precárias condições.



Trazendo à superfície o passado

Desde 2000 que a Arqueonautas Worlwide S.A., em parceria com a Património Internacional S.A., empresa moçambicana detida maioritariamente pelo Estado, vem levando a cabo um trabalho de pesquisa, estudo e recuperação de objectos afundados nas proximidades da Ilha de Moçambique. A região, como se sabe, foi um dos principais portos de escala das naus da carreira da Índia, no século XVI, e teatro de operações militares, opondo portugueses a outras potências europeias, durante as quais alguns navios se afundaram devido a danos provocados pela artilharia naval adversária. Outros navios foram perdidos devido ao mau tempo ou a avarias que não se conseguiam reparar a tempo.

Há, por isso, um vasto espólio marítimo submerso nas redondezas da Ilha de Moçambique que requer estudo e investigação. Foi seguramente tendo em conta este objectivo que o Governo moçambicano estabeleceu, com as duas empresas atrás mencionadas, um contrato de exploração que já foi renovado por duas vezes.

Praticamente desde o início dos trabalhos que a condução das operações de pesquisa subaquática é chefiada pelo arqueólogo Alejandro Mirabal, que está à frente de uma equipa de especialistas em arqueologia oriundos de vários países e licenciados para efectuar esse trabalho que requer grande esforço físico e bons conhecimentos das técnicas de arqueologia subaquática.

Como Alejandro Mirabal costuma sublinhar quando confrontado com opiniões controversas de alguns sobre os projectos que estão a levar a cabo: *“Somos profissionais, e os nossos procedimentos arqueológicos são do mais alto nível.”*

Respeitando esses princípios de disciplina, foi possível alcançar notórios resultados até agora, dos quais se destacam: a descoberta de restos de naus afundadas como a *Espadarte*, *Nossa Senhora da Consolação* e *São José*, onde foram recuperados alguns objectos de valor histórico e patrimonial.

De referir que muitas das naus afundadas foram, em anos passados, alvo de mergulhadores furtivos, que dali iam retirando tudo o que era possível apanhar, sem quaisquer escrúpulos e apenas com a intenção de vender esses objectos por qualquer preço.

Na opinião de Alejandro Mirabal, um trabalho de arqueologia subaquática, como o que está a ser feito nas águas em redor da Ilha de Moçambique, requer seis etapas que têm de ser observadas e exigem, por isso, um grande esforço financeiro. Essas etapas são:

Pesquisa Histórica: Arqueólogos e historiadores têm de investigar arquivos antigos sobre naufrágios. A Arqueonautas trabalhou nos Arquivos das Índias, em Sevilha, na Biblioteca Britânica, em Londres, e na Torre do Tombo, em Lisboa. Foi através da consulta desses documentos antigos que foi possível identificar algumas das naus afundadas em redor da Ilha de Moçambique.



Reconhecimento e Pesquisa: Na posse dessas informações de natureza histórica, dá-se início ao trabalho de reconhecimento e pesquisa numa determinada área, sendo utilizados equipamentos electrónicos para facilitar a detecção desses eventuais destroços, que são também registados num GPS (instrumento que assinala a posição geográfica do local). Assim que é detectado um lugar que evidencia a existência de bens culturais afundados, o lugar é anotado e segue-se uma fase de identificação que envolve mergulhos e medições no fundo do mar.

Escavação: Caso o naufrágio ou os bens culturais identificados o justifiquem, segue-se a sua recuperação através da escavação. Escavação é um termo arqueológico que envolve um processo complicado de remoção cuidadosa de entulhos, registo de todos os objectos e preparação de um relatório que irá interpretar toda a informação recolhida no local.

Documentação: Cada naufrágio encontrado é identificado com um número de código. Por exemplo, o código IDM-003 significa que se trata do terceiro naufrágio encontrado na Ilha de Moçambique. Todos os objectos recolhidos desse naufrágio têm de ser identificados por esse código numérico.

Conservação e Restauração: Todos os objectos retirados do fundo do mar têm de ser tratados por um processo químico de modo a travar a sua degradação ao entrarem em contacto com a atmosfera. Sem este trabalho, esses objectos, por mais valiosos que sejam, acabarão danificados, perdendo-se assim o seu valor histórico. Para preservar os objectos recolhidos, a Arqueonautas e Património criaram, nas instalações da Capitania, um Centro de Conservação Marítima. De referir que metais como o bronze, o ferro, a prata e o estanho, quando em contacto com o oxigénio da atmosfera, corroem-se com extrema rapidez. O trabalho de restauração no Centro de Conservação Marítima tem estado a cargo do engenheiro Jorge Ponce, especializado nesta arte.

Alejandro Mirabal refere que todas as peças retiradas do fundo do mar passam obrigatoriamente pelo Centro de Conservação Marítima, na Capitania, o que reflecte a intenção do consórcio Arqueonautas e Património enfatizar a completa transparência dos seus trabalhos de arqueologia subaquática na Ilha de Moçambique.

Informação e Publicação: No fim de cada temporada, são regularmente apresentados relatórios ao Governo de Moçambique, através do Ministério da Educação e Cultura. Esses relatórios são também divulgados *on line*, para consulta e discussão do material por especialistas internacionais.

Para armazenar águas das monções

Tanto na Fortaleza de São Sebastião como na maior parte dos edifícios da ilha foram concebidos sistemas para a recolha, armazenamento e canalização das águas da chuva. A fotografia mostra parte do aqueduto da fortaleza, construído para fornecer grandes quantidades de água aos seus ocupantes. Apesar de tantos anos decorridos, o sistema de recolha de água continua operacional e a encher as grandes cisternas ali existentes.



Breves

Arqueonautas na Indonésia - Equipas de mergulhadores da Arqueonautas têm estado a trabalhar em águas territoriais da Indonésia na pesquisa e identificação de naufrágios antigos, alguns deles com mais de mil anos de existência. Esta actividade resulta de um acordo com o governo indonésio, alcançado há três anos. O governo indonésio tem manifestado o seu apreço pela forma como o projecto de arqueologia subaquática tem estado a decorrer.

Mergulhos virtuais - A última versão do programa Google Terra, que pode ser obtida através do acesso à página da Google, permite que se possa virtualmente mergulhar e visitar naufrágios ou vulcões, deslizando pelo fundo do mar por meio do seu computador em tempo real. O *software* inclui ainda vídeos e fotografias de centenas de espécies marinhas, como baleias e peixes, que podem ser acompanhados de perto no ecrã do seu computador.

Referências à Ilha - Um leitor enviou-nos o seguinte *síte* na Internet que se reporta a um artigo com referências à Ilha de Moçambique:

<http://jn.sapo.pt/paginainicial/interior.aspx?content>

Agradecimento - Recebemos algumas felicitações e encorajamentos pelo início da publicação deste boletim, quer de singulares quer de instituições como a Assembleia da República. A todos agradecemos as palavras de incentivo.

Envie o seu texto ou imagem para: ailhadem@gmail.com



Opinião



Estive recentemente na Ilha de Moçambique e ao visitar o Museu de Marinha foi-me dito que faltam ainda concluir alguns trabalhos para o mesmo ser oficialmente reaberto. Apreciei a exposição de peças de porcelanas chinesas. O conjunto é agradável. L.M.



Recebi o vosso "boletim" através de uma amiga. Como ilhomaniaca e apaixonada pela ilha, gostaria de saber como posso receber o vosso boletim cada vez que haja disponível. Se for possível, gostaria que mo enviassem para o meu endereço privado de email. Muito obrigada e parabéns! Carla

Nota: Agrademos os parabéns e o interesse manifestado. Tentaremos, com muito gosto, satisfazer o seu pedido.



Sabia que?

A palavra **Omuhipiti** significa ilha na língua macua. Na província nortenha de Nampula, quando se fala em Omuhipiti está-se a falar da Ilha de Moçambique. Também é utilizada a expressão Muhipiti, mas a palavra correcta é Omuhipiti. É assim que a Ilha de Moçambique é conhecida desde há séculos.

